

Sobre o teto passam os automóveis

As fendas da ponte do Córrego de Taguatinga acomodam 12 famílias. Em divisões de madeiras, sobre o barro vermelho, as casas parecem cavernas. São escuras, frias e atraem toda a espécie de insetos. É nesse espaço que Antônio de Souza, 26 anos, e Maria da Silva, 25 anos, moram com os três filhos há cinco anos. O barulho dos carros há tempos deixou de ser incômodo. Antônio e Maria já passaram por pelo menos três outras invasões do Distrito Federal. Entre uma retirada e outra, é sempre embaixo da ponte onde eles encontram abrigo.

Antônio e Maria vieram de Santa Maria da Vitória, na Bahia, em 1991. Casaram e tiveram os três filhos em Brasília. A primeira casa da família foi a do Córrego de Taguatinga. De lá já saíram duas vezes, por determinação do governo. A última retirada, em maio do ano passado, foi quase um prêmio. Eles receberam como ajuda do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) de Samambaia três meses de aluguel pagos. Antônio, Maria e as três crianças se mudaram para uma casa, em Santo Antônio Descoberto.

Foram cinco meses com água encanada e energia elétrica próprias. O lugar tinha até divisão: um quarto para o casal, outro para as crianças. Quando a parte prometida pelo CDS foi paga, Antônio ainda tentou manter a família na mesma casa. Mas para quem ganha R\$ 140 por mês, em tempos bons, o aluguel de R\$ 180 é inacessível. O barraco em baixo da ponte foi novamente levantado e há quatro meses a família está novamente morando embaixo da ponte.

Pelo menos três barracos vizinhos ao de Antônio e Maria são de parentes: primos, irmãos e tios. Todos vieram da Bahia, fugindo da seca, na esperança de encontrar tempo melhor no Distrito Federal. Vivem do artesanato, confeccionando peças para vender em feiras, portas de casa ou onde for possível.

FONTE DE RENDA

Esculpir, raspar, limpar o gesso. O trabalho é feito por adultos e jovens. Um lugar específico na invasão foi reservado para a confecção das peças. "Não pode ter muita umidade, senão a tinta não pega", explica Maria Alves, 49 anos. Ela mora embaixo da ponte do Córrego de Taguatinga há quase 10 anos. Nesse tempo, já passou por uma três retiradas, mas sempre volta para o lugar.

"Da última vez pagaram o nosso aluguel. Fui morar em Santo Antônio, em uma casa. Mas quan-

Edson Gês



Maria Alves mora embaixo da ponte do Córrego de Taguatinga há 10 anos, faz e vende artesanato para viver

do o dinheiro acabou o jeito foi levantar o barraco de novo", lembra Maria.

O trabalho de artesanato, desde a confecção até a venda, é a principal fonte de renda desses invasores. Na família de Maria, ela faz a raspagem das peças, um filho faz a pintura e o outro vende nas feiras. São jarros e estátuas de cachorros, na maioria. Custam R\$ 3 em média. Em tempos bons, a família chega a vender 80 exemplares nos finais de semana, nas feiras de Samambaia e P. Sul.

"O dinheiro que temos é para comer e comprar algum remédio, quando os meninos ficam doentes. Qualquer outra coisa é luxo. Até pagar aluguel", conta Maria.

O vaivém das famílias prejudica principalmente as crianças. Na última retirada, a família de Maurício de Souza, 14 anos, foi morar em Santo Antônio Descoberto. A matrícula do menino e dos seus cinco irmãos foram feitas em escolas próximas à cidade. Com a mudança, eles perderam o ano letivo. A falta de dinheiro para pagar a passagem até a escola impediu que voltassem às aulas.

"Queria muito que eles estivessem estudando. Mas a gente mal consegue comer. As coisas aqui não são fáceis. Mas é o único lugar onde a gente pode se acomodar", explica Erineuza de Souza Moraes,

37 anos, mãe de Maurício e de outras cinco crianças.

MAPEAMENTO

No mês passado, os funcionários do CDS de Taguatinga foram até a invasão para fazer um mapeamento das famílias que estão morando no lugar. Segundo a diretora do CDS, Rosa José Ribeiro Fernandes, não há nenhuma retirada programada para aquela área. As assistentes sociais estão apenas traçando o perfil dos moradores. "Às vezes, são pessoas que só precisam da passagem de volta para as suas cidades", exemplifica Rosa.

Para que sejam feitas as retiradas, é preciso traçar uma política de amparo às famílias desalojadas. Na última retirada, a estratégia foi pagamento de aluguéis durante três meses. "É uma forma de garantir que as pessoas sejam amparadas e possam organizar as suas vidas", explica Rosa.

A invasão do Córrego de Taguatinga existe há pelo menos seis anos. As famílias, mesmo com mudanças constantes, estão acomodadas no lugar. As crianças sabem até onde podem ir. A proximidade ao córrego faz com que o risco de desabamento e queda seja constante. Para proteger os seus filhos, os pais não poupam gritos de alerta. "A gente tem que ensinar, ou eles acabam caindo no barranco",

explica Erineuza, depois de dar uma bronca em um dos seus filhos.

Segundo a diretora do CDS, por mais que sejam feitas retiradas, a invasão vai persistir. "A miséria é muito grande e, se existe um lugar possível de morar, as pessoas vão para lá", diz. Para Rosa, a única forma de acabar definitivamente com os barracos embaixo da ponte é fechando as fendas de concreto.